

PROFESSORES DA PRÉ-ESCOLA E O AGIR EM SITUAÇÕES DE EMERGÊNCIA

Alessandra Eidelwein Magalhães Siebeneichler¹, Giselda Veronice Hahn²

Resumo: Trata-se de estudo com abordagem quantitativa que buscou identificar como agem os professores da pré-escola em situações de emergência no âmbito escolar. Foram entrevistados 117 professores que atuam em Escolas de Educação Infantil. Os dados revelaram que o incidente mais prevalente foi a queda e o local de maior ocorrência foi a pracinha. Os professores não são preparados para realizar primeiros socorros e tampouco frequentam cursos de atualização. A maioria dos entrevistados já atuou em situações de emergência no ambiente escolar. **Não há parcerias entre as escolas e as unidades de saúde, sendo estas procuradas somente quando há crianças acidentadas ou doentes.** Conclui-se que o professor está despreparado para agir em situações de emergência, o que pode significar um risco à comunidade escolar infantil, especialmente à pré-escolar.

Palavras-chave: Primeiros socorros. Educação em saúde. Educação Infantil. Emergência.

1 INTRODUÇÃO

Acidente é entendido como evento não intencional, causador de lesões físicas e ou emocionais no âmbito doméstico ou em outros ambientes sociais, como no trabalho, no trânsito, nos esportes e lazer (BRASIL, 2003). Para Silvani et al. (2008), acidentes são gerados por vários fatores de causalidades previsíveis, não acontecem por acaso, podem, portanto, ser evitados.

O primeiro atendimento prestado ao acidentado ou à vítima de mal súbito visa evitar o agravamento ou piora das condições de saúde da vítima. Tem como objetivo salvar a vida, reduzir o sofrimento e impedir a piora do estado de saúde (KAWAMOTO, 2002; BRASIL, 2003). Caracteriza-se pelo atendimento primário, temporário e imediato a uma pessoa ferida ou que adoeceu repentinamente (FALCÃO; BRANDÃO, 2010).

Situações de emergência necessitam da atuação rápida e eficaz. Para tanto, o socorrista deve controlar as próprias emoções e reações e conhecer suas limitações para poder prestar socorro de maneira adequada. Pedir assistência especializada é a primeira atitude a ser tomada, fornecendo o maior número de informações possíveis, como endereço, tipo de acidente e número de vítimas (BOTOLOTTI et al., 2008). É de extrema importância avaliar a situação do local e da vítima, de forma rápida, objetiva e eficaz, e ter em mente que o acesso rápido ao serviço de emergência está relacionado ao diagnóstico precoce, possibilitando o aumento de sobrevivência da vítima (PERGOLA; ARAUJO, 2008).

Algumas das dificuldades no atendimento de vítimas de acidente são, entretanto, a falta de capacitação por parte da população sobre como proceder em situações de emergência, contribuindo, na maioria das vezes, para o agravamento do estado da vítima (PERGOLA; ARAUJO, 2008).

1 Enfermeira, egressa do Curso de Enfermagem do Centro Universitário UNIVATES. aemagalhaes@hotmail.com

2 Enfermeira. Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário UNIVATES.

Estudos mostram que as taxas e os índices de mortalidade por causas externas – acidentes e violência - são altos no Brasil. As causas externas constituem em torno de 20% da mortalidade na infância (FILÓCOMO et al., 2002).

A incidência de acidentes envolvendo crianças aumenta pela falta de informação dos pais e responsáveis, além da desatenção e menosprezo por riscos corriqueiros. Vigiar e supervisionar a criança são formas de prevenir o acidente, pois são necessários poucos segundos de distração para que acidentes aconteçam (AMORIM, 2008).

Bem et al. (2008) analisaram 387 pacientes em estudo sobre epidemiologia dos pequenos traumas em crianças e concluíram que as vítimas mais comuns eram crianças na fase pré-escolar (39,0%), do sexo masculino (66,4 %), sendo a face o local do corpo mais lesado (42,6%) e a queda da própria altura o acidente mais predominante (27,4%). Quanto ao local de acontecimento, a maioria, 230 (59,4%), aconteceu na residência, seguido pela escola, 20 (4,2%), e o turno predominante foi o vespertino, com 288 (74,4%). Estudo realizado em um pronto socorro infantil no estado de São Paulo verificou que a faixa etária infantil de 1 a 3 anos (29,8%) foi a mais atingida e o acidente mais frequente foi a queda com 46,9%, e os pais estavam presentes em 43,4 % dos casos (FILOCÓMO et al., 2002).

Para Santoro (2008), os acidentes mais frequentes ocorrem na faixa etária de 1 a 5 anos, principalmente quedas, cortes, contusões, queimaduras, aspiração ou introduções de objetos estranhos em orifícios e intoxicações. Estas duas últimas são mais graves e podem levar à morte. Evitar acidentes é um desafio e responsabilidade do cuidador, seja ele o pai ou o professor. Dessa forma, há a necessidade de orientação educacional da população, principalmente a comunidade pré-escolar, com o objetivo de buscar mudanças em nível de comportamento que venham a contribuir com a redução de acidentes (SANTORO, 2008). Destaca-se ainda a importância de os educadores da educação pré-escolar terem informações adequadas sobre os fatores de risco para acidentes, bem como formas de prevenção para eles, conferindo mais qualidade ao atendimento prestado à criança (SILVANI et al., 2008).

Na idade pré-escolar aumenta a independência da criança, tudo é novo e há um mundo a descobrir. A curiosidade, a impulsividade e as atividades que são normais para a idade podem propiciar o acontecimento do acidente, pois ela ainda não está preparada para identificar riscos e cuidar de si própria, ou seja, compreende de forma limitada o perigo. O adulto cuidador deve estar atento aos riscos de acidente e deve dar condições para diminuir e, na medida do possível, evitar riscos de acidentes, orientando o pré-escolar e oferecendo suporte para que as curiosidades não levem a acidentes. Além disso, é de extrema importância dispor de pessoal preparado para prestar atendimento em caso de acidentes (SCHIMITZ, 2000).

No ambiente escolar são várias as situações que podem levar à ocorrência de acidentes, por isso há necessidade de que as instituições estejam aptas para agir nesses casos, bem como para a prevenção desses eventos. As crianças da educação infantil participam de momentos de recreação que envolvem atividades e brincadeiras, estando mais vulneráveis a acidentes (RIBEIRO, 2011).

Martins (2008) relata a importância sobre o conhecimento da realidade e da natureza sobre os acidentes na infância, com intuito de formar um diagnóstico que venha a auxiliar em produção e implantação de projetos e estratégias de prevenção específicas. Para isso, é necessário conhecer as fases do desenvolvimento, bem como as particularidades de cada criança (SANTORO, 2008). Nas instituições de educação infantil, os sinais e sintomas das doenças devem ser do conhecimento de professores e funcionários, para que também possam proceder de maneira correta nesses casos. Para tanto, há necessidade de se discutir coletivamente sobre o assunto (BRASIL, 2006).

É necessário que o professor receba treinamento para prestar primeiros socorros, haja vista que situações de perigo começam e aumentam conforme a criança cresce e explora novos ambientes

que aguçam sua curiosidade. Esse treinamento é importante para que, em situações de acidente, o professor não fique em pânico. Também há necessidade de saber os acidentes que ocorrem com frequência na escola, além do que fazer em cada situação, sendo acessível o local de referência em saúde. A comunicação das instituições de educação infantil com as unidades básicas de saúde para tirar dúvidas e trocar experiências também é fundamental (CECCON; CECCON, 2000).

A partir dessas considerações, este estudo objetivou identificar como agem os professores da pré-escola no ambiente escolar frente às situações de emergência enfocando o conhecimento sobre primeiros socorros, a oferta de cursos e capacitações sobre primeiros socorros, as situações potencialmente causadoras de acidentes na pré-escola e as medidas adotadas para preveni-las.

Os questionamentos que originaram este estudo foram: Como agem os professores frente a situações de emergência na escola? Os professores da pré-escola estão preparados para realizar primeiros socorros em seu dia a dia de trabalho? São adotadas medidas preventivas de acidentes no ambiente escolar? Existem parcerias entre a Secretaria Municipal de Saúde e as Escolas de Educação Infantil?

2 MATERIAL E METODO

Foi realizado estudo de natureza quantitativa. O local da pesquisa foram as Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI) vinculadas à Secretaria Municipal de Educação de um município do interior do Vale do Taquari. A pesquisa foi realizada em todas as EMEI do município, totalizando 23 escolas, onde estudam 2.455 crianças com idades entre quatro meses e cinco anos e onze meses. A coleta de dados foi no período compreendido entre fevereiro e abril de 2013.

A Secretaria de Educação possui um efetivo de 144 professores que atuam na educação infantil. A amostra foi composta por 117 professores que se enquadraram nos critérios de inclusão: ser professor(a) da educação infantil vinculado à Secretária de Educação do Município em estudo durante o primeiro semestre de 2013 e trabalhar diretamente com crianças em idade pré-escolar. Foram excluídos: educador com tempo de serviço na educação infantil inferior a seis meses. O presente projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) do Centro Universitário UNIVATES, conforme CAE nº 11119812.1.0000.5310.

Foi utilizado um questionário semiestruturado para a coleta dos dados. Os dados foram organizados em tabelas, as quais foram elaboradas no programa *Microsoft® Excel 2007*, e analisados por meio da estatística descritiva, incluindo reflexões qualitativas baseadas em literatura especializada.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo 117 professoras (todas são do sexo feminino), sendo 39,3% com idade entre 31 e 40 anos, 40% com tempo de atuação na profissão entre 1 a 5 anos, 54,7% são pós-graduadas e 99,14% são concursadas. A maior parte das entrevistadas atua na área há menos de cinco anos.

Pouco mais da metade das professoras, 53,84%, afirmou não ter sido preparada durante a formação acadêmica para realizar primeiros socorros. Entretanto, 78,63% das professoras vivenciaram situações de emergência no ambiente escolar, tendo acontecido, em 57,26% dos casos, entre uma a cinco situações que necessitaram de primeiro atendimento. Dessas ocorrências, 70,94% das educadoras responderam que souberam como proceder durante a emergência, conforme pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1 – Preparo acadêmico dos professores e atuação em primeiros socorros na escola

Variável (N = 117)	Nº respostas	%
Preparo sobre primeiros socorros		
Sim	53	45,30
Não	63	53,84
Não respondeu	01	0,85
Vivências de primeiros socorros na escola		
Sim	92	78,63
Não	24	20,51
Não respondeu	01	0,85
Número de situações		
Nenhuma	18	15,38
1-5	67	57,26
6-10	18	15,38
11 ou mais	05	4,27
Não respondeu	09	7,69
Soube como proceder		
Sim	83	70,94
Não	11	9,40
Não respondeu	23	19,66

De acordo com Ribeiro et al. (2011), o professor da educação infantil é um agente de mudanças que pode discutir sobre primeiros socorros, pois tem competência sobre assuntos relacionados à vida e à saúde. É de extrema relevância que ele possua conhecimentos sobre os principais acidentes que ocorrem na instituição de ensino, assim como deve ter competência para saber lidar em situações de emergência.

Com relação ao acidente mais frequente, a queda foi apontada pelo maior número de respondentes. Nessa questão a maioria das professoras marcou mais de uma alternativa, sendo as mais vivenciadas: queda e corte, corte e queda, picada de inseto e cortes. A Tabela 2 apresenta as respostas na íntegra.

Tabela 2 – Incidentes e locais mais comuns de acidentes

Variável (N = 117)	Nº respostas	%
Incidentes		
Queda	85	72,65
Asfixia	09	7,69
Intoxicação	05	4,27
Picada de insetos	28	23,93
Mordedura de animais	07	5,98
Cortes	48	41,02
Choque elétrico	02	1,71
Ingestão de corpo estranho	08	6,83
Aspiração de objeto	14	11,96
Queimadura	02	1,70
Outros	11	9,40
Não respondeu	19	16,23
Locais		
Pracinha	99	84,61
Brinquedos	27	23,07
Sala de aula	15	12,82
Refeições	14	11,96
Outros	14	11,96
Não respondeu	15	12,82

Guimarães (2004) e Silvani et al. (2008) enfatizam que a maior causa de mortalidade infantil é decorrente de quedas. De acordo com Coelho e Silva (2011), pesquisa realizada com 20 professores de pré-escola no Ceará mostrou que outros acidentes podem ocorrer no cotidiano da escola, como traumas, cortes, arranhões, tropeções, mordidas e escoriações.

Neste estudo, dentre os diversos locais potenciais para a ocorrência de acidentes, 55% das educadoras afirmaram ser a pracinha o local onde mais ocorrem eles. Entretanto, a maioria respondeu que as injúrias não intencionais ocorrem em mais de um local, englobando a sala de aula, os brinquedos, sala de refeições, entre outros, conforme demonstrado na Tabela 2.

De acordo com a literatura, os incidentes são de causas evitáveis e podem decorrer de fatores como a vulnerabilidade própria da idade, ambiente diferente daquele domiciliar, descuido dos responsáveis, inadequação de espaço físico e dos brinquedos, assim como a falta de informações das próprias crianças (BARROS, 2011).

Neste estudo a maioria das professoras respondeu não estar apta a prestar o primeiro atendimento, bem como sente necessidade de ser capacitada continuamente. Bonetti et al. (2010) destacam a importância da formação do educador para a prevenção de incidentes, com intuito de estarem preparados para o desenvolvimento de ações preventivas e educativas na escola.

Em relação às capacitações disponibilizadas pela instituição empregadora, 70,94% das educadoras referiram **não ter sido preparadas** para atuar como socorristas. Dentre as que receberam 31,62% responderam que a frequência foi de apenas duas vezes por ano. Entretanto, 64,95% das educadoras não responderam a essa questão e 94,87% das professoras afirmaram ser necessário esse

tipo de capacitação. Dentre os respondentes, 81,19% participariam dos cursos se fossem ofertados, conforme demonstrado na Tabela 3.

Tabela 3 – Capacitação dos professores sobre primeiros socorros – em serviço

Variável (N = 117)	Nº respostas	%
Disponibilização de treinamento pela instituição		
Sim	32	27,35
Não	83	70,94
Não respondeu	02	1,70
Frequência de curso disponibilizado		
2 por ano	37	31,62
3-4 por ano	07	5,98
Não respondeu	76	64,95
Necessidade pessoal por novos cursos		
Sim	111	94,87
Não	03	2,56
Não respondeu	03	2,56
Participação em palestras, atualizações e treinamentos		
Sim	95	81,19
Não	20	17,09
Não respondeu	02	1,70

Coelho e Silva (2011) em seu estudo constataram que somente 30% do total das docentes pesquisadas tiveram aulas de primeiros socorros quando da obtenção da Carteira Nacional de Habilitação, e a maioria, 70%, nunca obteve treinamento algum. É necessário que o docente receba formação específica sobre primeiros socorros voltada à criança, para que tenha conhecimentos e habilidades necessários para suprir as necessidades do pré-escolar, garantindo o agir e a prevenção de agravos, no caso de uma emergência (VERÍSSIMO, FONSECA, 2003; SENA, 2006).

Referente à parceria entre escola e Unidade Básica de Saúde (UBS), 68,37% das respondentes afirmaram existir parceria entre as instituições de educação e saúde, porém 83,76% referiram que os profissionais das UBS não desenvolvem atividades como palestras, cursos ou rodas de conversa sobre primeiros socorros. Noventa e quatro por cento dos respondentes afirmaram que não há profissional da área da saúde atuando na escola ou mesmo ambulatório de saúde na escola.

Bonetti et al. (2011) referem a importância de o profissional da saúde compartilhar sua prática de cuidado com professores, ampliando o conhecimento destes e contribuindo para a promoção da saúde. Destacam ainda que podem ser construídas estratégias conjuntas de prevenção de acidentes e consideram os profissionais que atuam na UBS preparados para avaliar a situação de vulnerabilidade das famílias, em especial as de baixo nível socioeconômico que pertencem à área abrangida pela escola.

É de extrema importância que a equipe de saúde organize e realize capacitações continuadas às educadoras para fornecer conhecimentos necessários, assim como trocar experiências e tirar dúvidas, de modo a permitir melhor qualidade no atendimento por parte das professoras (CECCON; CECCON, 2000).

Ao presenciarem um acidente, as professoras buscam ajuda da direção da escola em 47% dos casos, recorrem ao hospital em 43,60%, à UBS em 25,64% e/ou ao Samu em 21,40% dos casos. A maioria das respondentes assinalou mais de uma alternativa, de acordo com a Tabela 4.

Tabela 4 – Auxílio em caso de incidentes e projetos sobre primeiros socorros na escola

Variável (N 117)	Nº respostas	%
Busca de auxílio pelos professores no caso de incidentes		
Outros professores	12	10,26
Funcionários da própria escola	16	13,67
Direção da escola	55	47,00
Samu	25	21,4
Prefeitura	03	2,56
UBS	30	25,64
Hospital	51	43,6
Outros	27	23,1
Não respondeu	09	7,69
Projeto de primeiros socorros		
Sim	08	6,83
Não	104	88,88
Não respondeu	05	4,27
Há orientação para pais e alunos		
Sim	19	16,23
Não	94	80,34
Não respondeu	04	3,41

Os resultados obtidos mostram que a maioria dos professores recorre a serviços externos à escola, como hospital e UBS. Não se assemelham aos resultados do estudo de Guimarães (2004), que evidenciou que, os professores, diante de situações de emergência, optam por verificar a gravidade do incidente e entrar em contato com os pais.

Quando questionadas sobre a existência de projetos na escola que englobem a prevenção de acidentes na infância, 88,88% das professoras responderam não haver. Quanto à realização de orientações para alunos e pais sobre o assunto, 80,34% também responderam não ocorrer, conforme a Tabela 4 demonstra.

Barros (2011) refere que pelas ações educativas é possível desenvolver a reflexão e a conscientização da comunidade escolar sobre o assunto. Guimarães (2004) afirma que os incidentes são passíveis de serem evitados pela atenção e o cuidado intensificados, bem como pela adoção de medidas como substituição de brinquedos que ofereçam risco e promoção de campanhas na instituição escolar.

Da mesma forma, a referência em saúde para onde os pré-escolares em situações de emergência devem ser levados deve estar visível e localizada em ponto estratégico na escola, local onde possa ser visualizado com rapidez. Dessa forma os educadores estarão orientados acerca de para onde encaminhar o aluno. A comunicação entre as Instituições de Educação Infantil com as

unidades básicas de saúde tem como objetivo a troca de experiências e o esclarecimento de dúvidas (CECCON, CECCON, 2000).

Coelho e Silva (2010) concluíram que o professor da educação infantil não está preparado para atuar em situações de primeiros socorros e referem sobre a insegurança que eles possuem acerca do seu próprio conhecimento sobre primeiros socorros. Os autores afirmam que há necessidade de se avaliar o currículo dos cursos de formação, buscando disciplinas que reverenciem essa competência ao professor que irá atuar com o público infantil.

4 CONCLUSÃO

A pesquisa mostrou o despreparo do professor da educação infantil para o agir em situações de emergência, revelando uma situação que inicia na formação acadêmica e segue durante a prática profissional. A maioria dos educadores já vivenciou situações de emergência no ambiente escolar e sente necessidade de participar de atualizações sobre o tema. Constatou-se que não há projetos na escola sobre primeiros socorros nem orientações aos pais e alunos sobre o assunto.

Conclui-se que é necessário preparar o educador para agir em situações que possam vir a comprometer a saúde e o bem-estar dos pré-escolares, por meio de projetos, capacitações aos professores e orientações a toda a comunidade escolar. Para que haja redução das injúrias não intencionais à criança, o professor tem a necessidade de receber capacitação continuada sobre primeiros socorros, bem como o pré-escolar tem direito a um atendimento adequado em uma eventualidade.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Malba Gean Rodrigues et al. Incidência e Principais Causas de Acidentes Domésticos em Crianças na Fase Toddler e Pré-Escolar. Disponível em: <<http://coopex.fiponline.com.br/images/arquivos/documentos/7.pdf>>. Acesso em 5 ago. 2013.
- BARROS, Leicijane da Silva. **Prevenção de Acidentes em um Centro de Educação Infantil de Araguaína – TO**. Universidade Federal do Tocantins/Programa Nacional Escola de Gestores da Educação Básica/ Curso de Pós-Graduação, 2011.
- BEM, Maria Aparecida Mendes et al. Epidemiologia dos Pequenos Traumas em Crianças Atendidas no Hospital Infantil Joana de Gusmão. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, v. 37, n. 2, 2008.
- BORTOLOTTI, Fábio. **Manual de Primeiros Socorros**. Porto Alegre: Expansão Editorial, 2008.
- BONETTI, Kelli Garcia et al. **Prevenção de Injúrias não Intencionais na infância: Uma Revisão Integrativa**. 2010. 53 p. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Pampa, Uruguaiana, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de Primeiros Socorros**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2003.
- BRASIL. **Coleção PROINFANTIL**. Secretaria de Educação Básica. Secretária de Educação a Distância. Brasília: MEC, 2006.
- CECCON, Claudius; CECCON, Jovelina Protasio. **A Creche Saudável: educação infantil de qualidade**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

COELHO, Luiz Cláudio Araújo; SILVA, Lidiane Rodrigues Campelo. **Formação Docente, Educação e Prevenção de Acidentes**. X Congresso Nacional de Educação (EDUCERE), 2011.

FALCÃO, Luiz Fernando dos Reis; BRANDÃO, Julio Cezar Mendes. **Primeiros Socorros**. São Paulo: Martinari, 2010.

FILÓCOMO, Fernanda Rocha Fodor et al. Estudo dos Acidentes na Infância em um Pronto Socorro Pediátrico. **Rev. Latino - Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 10 n. 1. jan. 2002.

GUIMARÃES, Janaína Andrade. **Prevenção de acidentes dirigida a crianças da creche Olívia Tinquitella**. In: Encontro de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais, 7, 2004, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: UFMG, 2004. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/proex/arquivos/7Encontro/Saude134.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2013.

KAWAMOTO, Emilia Emi. **Acidentes: Como Socorrer e Prevenir**. São Paulo: E.P.U., 2002.

MONTENEGRO, Thereza. **O Cuidado e a Formação Moral na Educação Infantil**. São Paulo: EDUC, 2001.

MARTINS, Christine Baccarat de Godoy. Acidentes na Infância e Adolescência: uma revisão bibliográfica. **Rev Bras Enferm**, Brasília, v. 59, n. 3, p. 344-8, maio – jun. 2006.

PERGOLA, A.M; ARAÚJO I.E.M. O Leigo em Situação de Emergência. **Rev Esc Enferm. USP**. v. 42, n. 4, p. 769-76. 2008;

RIBEIRO, Carolina Siqueira. **Os Primeiros Socorros como uma Competência de Efetivação dos Direitos Referentes à Vida e à Saúde: o Desafio do Educador Infantil**. Colóquio Internacional de Educação e Seminário de Pesquisa sobre Indicadores de Qualidade do Ensino Fundamental. FACVEST. ANO 2011. Disponível em: <[editora.unoesc.edu.br /index.php/coloquiointernacional/article/vien/1228](http://editora.unoesc.edu.br/index.php/coloquiointernacional/article/vien/1228)>. Acesso em: 5 ago. 2012.

SANTORO, José Romano. **Ecologia e Desenvolvimento Humano**. São Paulo: FUNPEC, 2008.

SCHIMITZ, Edilza Maria. **A enfermagem em pediatria e puericultura**. São Paulo: Atheneu, 2000.

SENA, S. P. **A representação social dos acidentes escolares por educadores em escola de 1ª a 4ª série do ensino fundamental**. 2006. 147f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde da Criança e do Adolescente) Faculdade de Medicina. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SILVANI, C.B et al. Prevenção de Acidentes Infantis em Escola. **Rev. Enferm. UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 16, v. 2, p. 200-5. abri/jun. 2008.

VERÍSSIMO, Maria De La Ó Ramallo; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa. O cuidado da criança segundo trabalhadoras de creches. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 11, n. 1, p. 28-35, janeiro-fevereiro; 2003.